

RESENHA

Mirian Goldenberg. **HOMEM NÃO CHORA. MULHER NÃO RI.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013, 267 p.

Vicentonio Regis do Nascimento Silva^(*)

Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mirian Goldenberg é uma das mais importantes estudiosas das questões de gênero em nosso país, que em sua trajetória singular vem divulgando e debatendo os resultados de suas pesquisas não apenas no âmbito acadêmico. Prova disso é possível observar no livro *Homem não chora. Mulher não ri*, dividido em 8 partes, cada uma delas contendo 10 capítulos.

Na primeira parte, “Homem não chora. Mulher não ri”, verificam-se as definições dos domínios do masculino e do feminino ao se mostrar que a falta de riso no cotidiano da mulher é estratégia de construção de imagem. Em pesquisa realizada no Rio de Janeiro, 75% dos homens e 69% das mulheres acreditam que os homens riem mais do que as mulheres. Sessenta por cento das entrevistadas gostariam de rir mais. A falta de choro tem a finalidade de construir a imagem do homem “macho”, para quem tal ação integra a rotina de mulheres ou de efeminados.

(...) as mulheres foram categóricas: quem ri muito pode ser visto como bobo, superficial, infantil, idiota, inconveniente e inoportuno.

Para elas, as pessoas que não riem ou riem de forma controlada mostram seriedade, comprometimento, concentração, sobriedade e impõem respeito.

E por que, afinal, as mulheres são mais sérias?

A explicação dada pelas próprias pesquisadas é que rir demais pode ser mal visto pela sociedade. Pega mal até profissionalmente. Elas temem parecer vulgares, superficiais e irresponsáveis (p.22).

Os homens sentem-se direcionados por esposas que assumem papel de mãe. As mulheres reclamam da falta de desejo, admiração, respeito e valorização. Sentem-se invisíveis ou ignoradas. Os homens, segundo as mulheres, são infantis,

^(*) Doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: vicrenos@yahoo.com.br.

superficiais e incapazes de expressar sentimentos. As mulheres consideram-se maduras e sensíveis: “Nos discursos femininos percebe-se a ideia de que a natureza da mulher, em termos de autoconhecimento e exploração da subjetividade, é superior à masculina” (p.29). Quando os confrontos são inevitáveis, cria-se a cultura da desculpa com a finalidade de esconder a culpa, mas, com o tempo, percebe-se que é possível livrar-se tanto das culpas quanto das desculpas.

A segunda parte – “Falta homem?” – enfoca como, no Brasil, a posse de marido constitui capital simbólico, principalmente na velhice, período considerado como de sacrifício pelas mulheres que se sentem donas de um produto sempre valorizado: o “capital marital”. Já as alemãs, entrevistadas pela autora, almejam liberdade e realizações, consagrando-se às atividades profissionais e intelectuais. As brasileiras optam por maridos e filhos e, ignoradas por eles, reclamam da “(...) falta de homem no mercado” (p.50); as mais satisfeitas são as casadas, valorizam o marido fiel e acreditam realmente na fidelidade, julgando-se “(...) únicas para eles” (p.51). Mesmo com o casamento monogâmico e tradicional, como estabelecer conceitos para novos arranjos conjugais se, homens e mulheres, financeiramente independentes, mantêm vidas independentes? Uma das alternativas começaria pela linguagem, dando novas acepções a termos considerados conservadores, preconceituosos ou pejorativos; outra ocorreria pelos enfrentamentos das barreiras dos novos arranjos, especialmente aqueles entre mulheres mais velhas e homens mais novos. De que maneira esses arranjos devem acontecer? E, nos relacionamentos tradicionais, como equilibrar a dosagem de amizade e paixão na manutenção do desejo sexual no casamento? Se a maior parte das relações duradouras é problemática, por que “(...) homens e mulheres continuam casados, mesmo quando as relações são insatisfatórias, desagradáveis e até violentas (p.70)”? Como, questiona uma pesquisada, conviver com paradoxos e contradições: solteira *versus* casada, sozinha *versus* integrante de família, autônoma *versus* dependente, comportamento próximo de Beauvoir *versus* aquele desempenhado à luz do *ethos* de Amélia?

A terceira parte – “Os velhos clichês” – trata de rótulos. Quando questionadas sobre o que mais invejam nos homens, as mulheres apontam liberdade, independência, liderança e racionalidade. Já eles afirmam nada invejarem delas. Como modificar homens e mulheres se os principais problemas para ambos é

controlar ciúme e infidelidade? Impossível, asseguram os entrevistados, um exemplar masculino dotado das inúmeras qualidades exigidas pela mulher. A mudança de comportamento altera as relações. As espanholas passaram a investir mais na vida profissional. Os espanhóis então buscam as brasileiras que, segundo eles, são carinhosas, atenciosas, serviçais e compreensivas. Se homens e mulheres apresentam dificuldades ou facilidades quando se vestem, são semelhantes no consumismo: não conseguem economizar. Se a masculinidade é transmitida de geração a geração por meio de rituais, gestos e até brincadeiras que criam a imagem de macho, o macho procurado por elas é o “homem gay”, o heterossexual atencioso, delicado e romântico.

A quarta parte – “A ditadura do prazer” – concentra reflexões sobre limites entre realidade e ilusão, verdade e equívoco. A maioria das mulheres prefere fingir orgasmo a se recusar ao sexo. Adota tal estratégia para se livrar do parceiro. A imagem do brasileiro campeão do sexo contrasta com as pesquisas que apontam altos índices de insatisfação sexual feminina, corroborando que “A maior dificuldade em uma relação permanente está no conflito entre o enfraquecimento do desejo sexual e o crescimento da ternura entre os parceiros” (p.118). O desejo sexual então sofre mudanças, algumas provocadas pela internet em que se substitui o jogo amoroso pelo sexual. Entre sexo e amor, sobressai a indagação: busca-se a felicidade no casamento duradouro ou na aventura dos recomeços com um amante considerando, para tanto, o marido sinônimo de complicações, irritações e esfriamento sexual? As pessoas traem, mas exigem fidelidade como requisito de casamento feliz. A culpa pela infidelidade é sempre atribuída ao homem (instinto, aventura, atração, oportunidade ou vocação) e nunca às mulheres (vítimas de autoestima baixa, vingança, falta de desejo, de romance, de intimidade e de carinho): “O discurso de vítima de muitas mulheres, não se assumindo como responsáveis pelos próprios desejos, reforça a lógica da dominação masculina na cultura brasileira” (p.128). A fidelidade dos casados às amantes é ponto forte no adultério. Mesmo sem sexo há muito tempo, os casais escolhem viver a ilusão da fidelidade a buscar a própria fidelidade. Independente da condição financeira, cultural ou política, toda mulher quer ser especial para o homem amado (p.136), alguém que a admire e a ame. Despreparados para as iniciativas femininas nos jogos de sedução, os homens ratificam a imagem do desespero das mulheres na conquista de um parceiro.

“O corpo como capital” sentencia: “(...) o corpo em boa forma é considerado um verdadeiro capital no mercado amoroso, no mercado sexual e também no mercado de trabalho” (p.145). Recorrendo-se ao conceito de imitação prestigiosa de Marcel Mauss, explica-se que “os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que têm prestígio em sua cultura” (p.147). Se o corpo pertence à mulher, ela deve libertar-se das coerções sociais e morais a fim de usá-lo como quiser. O estigma contra os obesos – e, neste ponto, atinge-se mais a mulher do que o homem – avança a partir de 1980 sendo uma das possibilidades de aumento do preconceito o transtorno causado pelo excesso de informações contraditórias que transformam o verbo comer em sinônimo de sofrer. As regras de alimentação definem o acesso do indivíduo a determinados grupos que o aceitam desde que interaja com as normas estabelecidas. Na França, “(...) em que o ato de comer é uma responsabilidade coletiva, é muito mais fácil ser magro, pois existe uma pressão social para comer de determinada maneira” (p.161). Se falharem as tentativas de moldar o corpo e domar a alimentação, os antidepressivos e os remédios para bem-estar são normais ou entram na fila da coerção social contemporânea?

A sexta parte – “Coroas poderosas” – aborda as brasileiras com idade superior a 50 anos que, à semelhança das alemãs, constituem o grupo das “novas velhas”, mulheres que iniciam projetos, planejam viagens e se divertem. A “bela velhice” é o tempo de rejuvenescer e colocar em prática o que não se conseguiu até ali. Segundo as pesquisas, as mulheres valorizam a liberdade na maturidade, cuidam mais de si, ignoram as opiniões alheias, são mais individualistas, não querem novos casamentos ou outras prisões. Já os homens anseiam reverter o passado, dedicando-se mais à família. A velhice ganha novos contornos – ou deixa de existir – se vivida intensa, ativa e vorazmente. As mulheres encontram muitos obstáculos, desde uma nova família (“escolhida” ou “por afinidade”, eleita entre as amigas, já que os filhos nunca têm disponibilidade) ou os medos, entre os quais, o de assumir movimentos e movimentações que garantam a liberdade e a libertação.

A penúltima parte – “A arte de dizer não” – enfoca a mudança do comportamento individual como pressuposto da transformação no cotidiano. A falta de capacidade de se recusar a praticar algum ato – geralmente as mulheres dedicam-se a diversas atividades e a várias pessoas, esquecendo-se delas mesmas – adia a liberdade conquistada apenas na velhice. Liberdade então, no olhar sobre a mulher,

adquire acepção negativa já que, diferentemente de outros países, no Brasil confunde-se mulher sozinha com mulher solitária, fracassada, isolada ou deprimida. A liberdade restringe comportamentos: condenam-se os considerados “desviantes”, repudiando-se mulheres que tomam a iniciativa no jogo da sedução.

A ideia de que é melhor “ser difícil” para se valorizar no mercado afetivo e sexual ainda está presente entre muitas, mesmo entre aquelas independentes economicamente e realizadas profissionalmente. É estranho pensar que as mulheres lutaram por igualdade em diferentes domínios, mas continuam aceitando a desigualdade no campo da sedução e da conquista amorosas (p.218).

Já que parece improvável a junção de liberdade e segurança, por qual delas optar? A mulher precisa de reconhecimento, nem que seja elogio do pai, do marido ou dos colegas de trabalho. Algumas relações nos levam a ser melhores; outras, piores. A reciprocidade entre casais abala-se, na maior parte das vezes, porque uma parte acha que dá mais do que recebe ou não recebe nada. Em nossos tempos, precisa-se ouvir mais e, especialmente, deslocar o foco de valorização para a mulher.

Por fim, “Toda mulher é meio Leila Diniz (e meio Simone de Beauvoir)” defende a perspectiva feminina pragmática. A artista brasileira rompeu regras morais e deu novos ares à liberdade sexual e amorosa. Fez o que as mulheres gostariam de fazer, “(...) mas não tinham coragem. Não tinham e ainda não têm” (p.241). O que se constata, ainda segundo as pesquisas, é a falta de atos simples como um beijo, dado apenas em momentos especiais, excluído até do sexo. O beijo consagra, do ponto de vista feminino, o romance, a sedução, a conquista e a intimidade. Algumas situações são difíceis de superar como relata uma leitora de jornal, separada do ex-marido pelas constantes traições com prostitutas e namoradas, mas de quem ela sente saudades intensas. Como resolver o problema, especialmente quando se está velha? O substantivo “velho”, assegura a autora, deve ser usado justamente para combater os estigmas que cercam a velhice. Mas, conclui, lembrando a juventude revolucionária e a maturidade estabilizada, precisamos dar mais leveza à vida e nos tornarmos adeptos da ataraxia, a arte de não se afetar com o comportamento ou a opinião dos outros.

As pesquisas de Mirian Goldenberg – transcritas em linguagem simples, mas sem perder a alta qualidade epistemológica de sistematização de dados, de informações e de teorias – mostram que, mesmo em plena era digital e de revoluções formalmente inscritas na História, entre elas, as ondas feministas que se sucedem

desde os fins do século XIX, e nos ordenamentos jurídicos de países de sistemas políticos, econômicos e sociais tão diferentes, a liberdade apenas acontecerá quando a mulher – independentemente de sua condição financeira, intelectual ou profissional – conscientizar-se, como pensou Simone de Beauvoir, de sua libertação por meio não apenas de discursos, mas de ações: “Sem culpa ou desculpa, tente responder: depois de décadas de luta pela liberação feminina, o que nós, mulheres, fazemos com o que a vida fez de nós?” (p.32).